

O NÃO LUGAR DE PESSOAS TRANS NO CURRÍCULO DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS DE BELÉM DO PARÁ

Lucas Bernardo Barroso*
Wladirson Ronny da Silva Cardoso**

RESUMO: O presente artigo investiga a influência da educação, especificamente a educação física com pessoas transexuais de Belém do Pará. Tem como objetivo descrever as contribuições positivas, negativas ou indiferentes da educação e da educação física, perante a vida social de pessoas transexuais. Caracteriza-se como uma pesquisa de teor qualitativo, utilizando de pesquisa de campo junto com entrevistas semiestruturadas com pessoas transexuais que já concluíram o ensino básico. Os dados foram analisados por meio de análise de conteúdo. Os resultados demonstraram que a educação básica e a educação física, em sua maioria, ainda se caracterizam como ambientes segregadores e de grande impacto para estas pessoas, tendo como conclusão do entrevistador e dos interlocutores que a melhor forma para se desenvolver os conteúdos seria por meio de aulas mistas, com estudo mais aberto quanto a gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Transexualidade; Escola básica; Educação física.

NO-PLACE FOR TRANSGENDER INDIVIDUALS IN THE CURRICULUM OF PHYSICAL EDUCATION IN SCHOOLS IN BELÉM, BRAZIL

ABSTRACT: The influence of schooling, especially Physical Education, on transsexual people in Belem PA Brazil, is analyzed. Current paper describes positive, negative or neutral contributions of Schooling and Physical Education within the social lifestyle of transgender individuals. Current qualitative research employs field research and semi-structured interviews with transgender people with fundamental schooling. Data were interpreted by content analysis. Results show that basic education and Physical Education are generally characterized as segregating environments, with enormous impact on the agents. The interviewer and interlocutors state that the best way to develop curriculum items would be within mixed classes, with gender and sexuality inclusions.

KEYWORDS: Gender; Trans-sexuality; fundamental schooling; Physical Education.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo compreender os impactos sociais que a educação básica – com foco na educação física – causou em pessoas transexuais da cidade de Belém do Pará. Estas pessoas têm dentro de si um entendimento diferente quanto ao feminino e o masculino estereotipado pela sociedade atual, que é repleta de pré-conceitos para cada pessoa – sejam eles de gênero, classe, cor, sexualidade, entre outros.

Pode-se acompanhar o desenvolvimento desses conceitos ao mesmo tempo em que se acompanha a construção da mentalidade da sociedade e das pessoas que nela se inserem. Justamente por essa construção da mentalidade social e individual que não podemos deixar de lembrar o papel da escola nesse ínterim, pois se pode considerar que este é o lugar onde as crianças passam grande parte do seu tempo, devendo haver um trato mais cuidadoso quanto à disseminação de estereótipos segregadores,

* Bacharel/Licenciado em Educação Física, pelo Centro de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (CEDF/UEPA), Brasil.

** Docente/Pesquisador. Doutor em Antropologia Social (PPGA/UFPA), Pós-doutor em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB/UFPA), Brasil.
E-mail: wladirson.cardoso@gmail.com

no entanto, “a escola tornou-se [...] um espaço em que rotineiramente circulam preconceitos que colocam em movimento discriminações de diversas ordens” (JUNQUEIRA, 2012, p. 4), fazendo com que esta se configure como um dos locais onde mais são criados marcadores de distúrbios psicológicos e sociais.

Nessa perspectiva é que se lançou o seguinte problema de pesquisa: “Como a Educação Física atual, com toda sua carga histórica de segregação de gênero no âmbito da corporeidade, influenciou na vida social de pessoas que se identificam como transexuais?” Deste problema, emerge um conjunto de questões que norteiam o problema de pesquisa: 1. qual o efeito social da educação, com foco na educação física, em pessoas transexuais? 2. a educação física atual e o trato dos/das professores/as de educação física quanto às aulas, influenciou de forma positiva, negativa ou nula em suas vidas? 3. existe algum caminho a ser trilhado para que esta realidade possa mudar?

A pesquisa tem como justificativa a experiência que ambos os pesquisadores tiveram e ainda têm dentro do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros), com base em uma das pautas mais imediatas que foram encontradas dentro da militância – a educação. Por meio destas pautas, do movimento, das vivências e das buscas de referências, percebe-se o quão escasso é dentro da educação física, o tema da transexualidade. Poucas são as pesquisas encontradas, tendo um arcabouço de referências muito raso quanto à transexualidade, dentro do âmbito escolar na educação física.

O objetivo geral desta pesquisa é o de descrever as contribuições positivas, negativas ou indiferentes da educação, com foco na educação física, perante a vida social de pessoas transexuais, e os objetivos específicos são os que seguem: 1. descrever o papel que a educação, com foco na educação física, desempenhou no processo de escolarização de pessoas transexuais no ensino básico; 2. compreender a visão de pessoas transexuais quanto à educação física escolar e quais os impactos que esta prática causou nelas; 3. apontar um futuro caminho para que a educação física não continue sendo um campo tão segregador.

A pesquisa assume o teor qualitativo, pois, como afirma Oliveira (2008), o pesquisador não deve ser um observador ausente, para que assim, este possa interpretar, vivenciar e, em alguns casos, participar ativamente da pesquisa. Para Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. Este tipo de pesquisa foi escolhido pela aproximação do tema deste trabalho com a base pessoal, social, militante e acadêmica dos pesquisadores, “isto porque, existe a necessidade de empatia para que o entrevistado se disponha a responder corretamente as questões.” (OLIVEIRA, 2008, p. 108).

A pesquisa de campo partiu do consentimento de um grupo de pessoas transexuais, maiores de idade, residentes em Belém do Pará, podendo assim ser coletadas as experiências, inquietações e relatos dessas pessoas quanto à educação básica escolar e a educação física.

Adotou-se o modelo de entrevista semiestruturada, dando liberdade para o entrevistado falar sobre o tema, abrir adendos, questionar e complementar a pesquisa, tendo como percurso orientador perguntas que busquem responder o questionamento principal da pesquisa proposta. A análise de dados deu-se com as conclusões que puderam ser tomadas a partir das entrevistas coletadas, argumentando com outros autores para conseguir expor como a educação básica, principalmente a educação física influenciou – de forma positiva, negativa ou nula – na vida dos interlocutores que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

2 ENTENDENDO O(S) GÊNERO(S) E A SEXUALIDADE

A atual conjuntura da nossa sociedade passa por uma série de divergências, modificações e conquistas referentes à aceitação da comunidade LGBT. Dentre essas categorias, encontramos uma vasta pesquisa quanto às questões de sexualidade e gênero, porém ainda é pouco falado dos gêneros que fogem

do binarismo de papel social para homens e mulheres. É de suma importância pontuar, primeiramente, a diferença entre sexualidade e gênero, já que ainda hoje, para muitas pessoas, uma se confunde com a outra. Segundo Wilm (2016, p. 1), orientação sexual é “[...] para onde nosso desejo sexual está apontando, se é para homens, mulheres, ambos ou nenhum.”

Podemos considerar, também, o documento de princípios de Yogyakarta, este que trata de forma ampla as normas de direitos humanos e as suas aplicações quanto à questão da orientação sexual e identidade de gênero. Encontramos a distinção de sexualidade e gênero, e segundo o documento, orientação sexual é

[...] Uma referência à capacidade de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007, p. 7)

Quanto à sexualidade, existem inúmeras formas que esta se apresenta e que podem ser citadas, segundo a Cartilha Diversidade Sexual e Cidadania LGBT (2014), existem orientações sexuais majoritárias, como

heterossexualidade – “Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do sexo/gênero oposto”.

homossexualidade – “Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero”, incluem-se aqui lésbicas e gays.

bissexualidade – “Pessoa que se sente atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas de ambos os sexos/gêneros”.

Para além destas, podemos citar também

pansexualidade – pessoas que sentem atração por outras pessoas, independente do gênero, sexualidade, genital etc.

assexualidade – pessoas que não sentem atração por nenhum dos sexos/gêneros.

Já identidade de gênero, para Wilm (2016, p. 2) “[...] refere-se ao gênero que reconhecemos pertencer (homens, mulheres, outros)”. E no documento Yogyakarta pode-se encontrar a conceituação de identidade de gênero, que seria

[...] a experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento, incluindo o senso pessoal de corpo (que pode envolver, por livre escolha, modificação de aparência ou função corporal por meios médicos e cirúrgicos ou outros), e outras expressões de gênero, inclusive vestimenta, modo de falar e maneirismos. (PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA, 2007, p. 7)

Tendo essas diferenças quanto a gênero e sexualidade em mente, pode-se prosseguir para o segundo esclarecimento que deve ser feito: “O que é uma pessoa transgênero e o que é uma pessoa cisgênero?”

Para Jesus (2012), uma pessoa cisgênero é aquela que “[...] se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando ao nascimento”, ou seja, é a pessoa que se sente a vontade com o gênero que lhe foi atribuído por médicos, família e sociedade.” E segundo Jayme (2004), os transgêneros são pessoas que modificam a visão binária de masculino e feminino, que usam do seu próprio corpo como forma máxima de expressão social, cultural e pessoal, “o termo transgênero é utilizado para reunir todas essas categorias [...], mas mantendo suas diferenças” (JAYME, 2004, p. 3); Souza e Bernardo (2014) afirmam que transgêneros são aqueles que contêm em si a certeza de que não irão

[...] poder corresponder às expectativas definidas socialmente para o seu sexo anatômico, identificando-se com os elementos tidos como do sexo oposto ao seu e submetendo-se a tratamentos cirúrgicos e/ou hormonais para adequar seu corpo à sua condição psicológica. (SOUZA; BERNARDO, 2014, p. 159)

Jesus (2012) conceitua todas essas identidades trans como “Transgener(al)idades”, sendo estas: travestis – “[...] pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero.” (JESUS, 2012, p. 16). Contudo, esta definição que Jesus traz se mostra errônea, já que segundo a Cartilha da Diversidade do Estado do Pará (2017), mulheres travestis se identificam como “pessoas que nascem como sexo macho, mas que tem sua identidade de gênero oposta ao seu sexo biológico, assumindo o papel de gênero diferente daquele imposto pela sociedade.” (2017, p.12). O termo travesti só é encontrado no Brasil, e é assumido por estas mulheres como sinônimo de luta e resistência, visto que é delas o grande mérito de ter iniciado o processo de reconhecimento das diversas identidades de gênero no Brasil. Seguindo o estudo de Jesus (2012),

Crossdresses – são homens heterossexuais que “[...] têm satisfação emocional ou sexual momentânea em se vestirem como mulheres [...]”, estes “[...] sentem-se como pertencentes ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento, e não se consideram travestis.”

Drag-Queen/ Drag-king/Trans-formistas – são artistas que “[...] fazem uso da feminilidade {masculinidade ou ambas} estereotipada e exacerbada em apresentações [...]”. Estes têm essa perspectiva de gênero voltada unicamente para o entretenimento e apresentações.

Transexuais – A autora identifica diversas formas de se definir o que é transexual que vão desde clínicas e biológicas até as sociais. Para ela, “Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher” assim como “homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem”.

Sendo assim, podemos ter homens trans, que são homens que nasceram com o sexo anatômico feminino, porém se identificam psicologicamente com

o gênero masculino (conhecido como FTM, *female-to-male*, no inglês), e também as mulheres trans, mulheres que nasceram com o sexo anatômico masculino, e se identificam psicologicamente com o gênero feminino (conhecido como MTF, *male-to-female*, no inglês).

Os interlocutores presentes nesta pesquisa se identificam como pessoas transexuais, militantes e paraenses, sendo estes: três mulheres trans e três homens trans, entre 20 e 30 anos. O processo de transexualização ou de readequação ao gênero a qual se identifica é singular e íntimo, cada pessoa passa de um jeito diferente que diz respeito unicamente a ela. Serão utilizados nomes fictícios para a identificação dos interlocutores desta pesquisa, pois segundo Freitas e Silveira (2008),

Ao conquistar a adesão do sujeito, o pesquisador recebe o encargo de resguardar a privacidade deste. O compromisso do pesquisador com o sigilo é uma condição *sine qua non* para que possa realizar pesquisa com humanos [...], pois ser um sujeito de pesquisa é oportunizar conhecimentos que são às vezes únicos; assim, o sujeito não deve ter como contrapartida para si nenhum ônus: nem que sua identidade seja conhecida, nem consangüinidade e menos ainda formas de sofrimento, sejam estas físicas ou psíquicas. O pesquisador deve descaracterizar as informações em relação às suas fontes, dissolver a identidade de seus informantes, protegê-los no anonimato. (FREITAS; SILVEIRA. 2008 p. 42)

Para isto, serão utilizados, nomes de divindades das mitologias ao redor do mundo que simbolizam de alguma forma a cultura LGBT em suas épocas e culturas. Assim, os interlocutores desta pesquisa serão identificados da seguinte maneira: Dionísio, que irá representar o Interlocutor 1, é o grande patrono dos intersexuais e travestis na Grécia, é visto como o Deus dos vinhedos e das grandes orgias sexuais, seus rituais eram feitos com muita dança, música e bebidas.

Xochipilli, que irá representar o interlocutor 2, era o príncipe asteca das flores, da beleza, música, dança, arte, bem-estar, prazeres e fertilidade. Padroeiro

dos homossexuais e dos prostitutos masculinos. É uma divindade que assumia tanto aspectos masculinos quanto aspectos femininos.

Hu Tian Bao, que irá representar o interlocutor 3, é conhecido como o “deus coelho” na mitologia chinesa, este, quando humano, era um oficial que se apaixonou por um inspetor imperial. Na época, Hu Tian Bao foi espancado até a morte e após isso, tornou-se uma divindade, sendo reverenciado por devotos homossexuais, como o Deus Patrono do Amor Homossexual.³

Ishtar⁴, que irá representar a interlocutora 4, é vista em alguns momentos como a deusa babilônica do amor e da fertilidade e em outros momentos como a deusa da guerra, da chuva e do trovão. Após ser salva do submundo por uma criatura macho-fêmea denominada de Asushnmir, criada por Enki, deus da lua, ofereceu abrigo em seu templo a todos os semelhantes de Asushnmir que viessem a nascer. Na Mesopotâmia, o culto a essa deusa é frequentemente associado a eunucos, andrógenos, pessoas sexualmente ambivalentes, intersexuais e travestis.

Bahuchara⁵, que irá representar a interlocutora 5, é uma deusa Hindu venerada pelas “hijras”, que para os hindus, não são homens nem mulheres, mas pertencentes a um terceiro sexo. São em sua maioria, indivíduos do sexo anatômico masculino que passam por um processo cirúrgico para a retirada do pênis e dos testículos em oferecimento à deusa, alguns dizem se sentir completos apenas após a cirurgia.

Kuan Ying⁶, que irá representar a interlocutora 6, é uma divindade da mitologia oriental, que reflete em seus mitos a fluidez de seu gênero e sua sexualidade, podendo aparecer em forma de um belo rapaz, que

seduz velhos monges a fim de levá-los à iluminação, como em forma de uma formosa moça, que luta e engaja-se em atividades sexuais para salvar seus fiéis.

Pode-se perceber, assim, que a cultura LGBT não veio surgindo junto com os tempos atuais, mas que, na verdade, ela sempre esteve presente, desde as culturas mais antigas, até as mais contemporâneas. Sempre existiram deuses que, em algum momento, demonstraram fluidez quanto ao seu gênero e sexualidade, e, acreditando que as divindades são resultado da fé de seus devotos, entende-se que sempre existiram pessoas com “fluidez” sexual e de gênero ao redor do mundo, em todas as culturas e em todas as épocas.

3 ENTRE GENITAIS, MANEIRISMOS E ESTERIÓTIPOS

Quando se precisa lidar com os estereótipos para o feminino e o masculino, muito se pode falar quanto à construção sócio-histórica pré-estabelecida nas crianças que nascem, seja nessa ou em outra época. A carga histórica da sua cultura, do país, do modelo de sociedade que está vigente, recai sobre a construção da mentalidade das crianças.

O gênero e o papel desse gênero é, segundo autores como Judith Butler (2003), uma construção social estabelecida anteriormente pela visão biológica binária de masculino e de feminino.

Supondo por um momento que a estabilidade do sexo biológico não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2003, p. 24)

Simone de Beauvoir construiu a frase “*não se nasce mulher, torna-se*”, e dessa frase podemos perceber que o termo gênero, quando se ignora o binarismo do sexo biológico, torna-se flutuante mediante a construção de corpos/consciência masculina e feminina, sendo assim “[...] gênero

³ Os mitos de Dionísio, Xochipilli e Hu Tian Bao, juntamente com a relação com o mundo LGBT, pode ser encontrado no site <http://www.guiaglbs.com.br/blog/?p=275>.

⁴ O mito de Ishtar, juntamente com sua relação com o mundo LGBT, pode ser encontrado nos sites <http://betoquintas.blogspot.com.br/2015/11/decifrando-deusa-transgenerocedentegres.html> e <http://evolucaolgbt.blogspot.com.br/2012/04/promessa-da-deusa.html>

⁵ O mito de Bahuchara, juntamente com sua relação com o mundo LGBT, pode ser encontrado no site <http://virusdaarte.net/india-hijras-homens-ou-mulheres/>

⁶ O mito de Kuan Ying, juntamente com sua ligação com o mundo LGBT, pode ser encontrado no site <http://www.guiaglbs.com.br/blog/?p=275>.

significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos.” (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 39).

Tende-se a instaurar nos corpos biologicamente ditos femininos o comportamento mais passivo, complacente, dócil e calmo, já nos corpos biologicamente ditos masculinos, a consciência agressiva, ativa, dominadora, conquistadora, e esse

[...] modo como homens e mulheres se comportam em sociedade corresponde a um intenso aprendizado sociocultural que nos ensina a agir conforme as prescrições de cada gênero. (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 40)

Esses papéis de gênero são vistos nitidamente até nos próprios corpos transgressores dessa dicotomia biológica, os corpos trans. Quando Ishtar diz ter começado a transição do corpo masculino para o feminino com o uso mais constante de elementos do mundo “feminino”, como maquiagem, roupas curtas e cabelo longo, podemos perceber como a visão social dos maneirismos influencia em grande parte essa construção da consciência corporal e social própria.

Por conta desses papéis de gênero estabelecidos pela sociedade, o corpo, seja este transitivo ou não, deixa de ser reconhecido apenas como um conjunto de ossos, músculos, órgãos, impulsos nervosos, vísceras e nervos. Quando se descobre a genital pertencente àquele ser humano prestes a nascer, o corpo passa a ser um objeto de intervenção social.

Maneirismos como o modo de agir, de se vestir, como se comunicar, se relacionar, comer, andar, sentar, entre tantos outros são características sociais, que se diferenciam de acordo com o ambiente onde aquele ser humano está inserido, e que muito se refletem, também, nos corpos transitivos. Justamente com estes que, perante a sociedade, quebram o padrão de comportamento do gênero que lhe foi atribuído ao nascimento, de acordo com a genitália pertencente àquele corpo, e ao quebrar isso, para a sociedade, estes corpos automaticamente devem se encaixar no padrão de comportamento do gênero que agora está

lutando para ser reconhecido.

Muitos dos interlocutores desta pesquisa já sentiam incomodados com o corpo, mesmo antes de conhecer a transexualidade. Estes dados demonstram que 67% dos interlocutores já sentiam incômodo com o próprio corpo na infância, e já não se identificavam com o papel de gênero que lhe foi atribuído conforme apontam algumas falas:

[...] a maneira que eu me sentia diferente, isso vem, que eu me lembro, desde os meus sete anos. (Ishtar).

Eu lembro de quando eu era bem pequeno, acho que tinha uns 7 ou 8 anos, eu lembro que eu sempre brincava de casinha e eu sempre era o pai [...] Eu sempre soube o que eu era, só que eu não tinha a noção da palavra e nem tinha a noção do que poderia acontecer de fato depois que eu começasse a transicionar. (Dionísio)

De acordo com os dados coletados neste gráfico, também foi possível observar que 33% dos interlocutores, tanto entre os homens trans quanto entre as mulheres trans, não sentiam incômodo muito latente em suas infâncias, mas passaram a sentir isto na adolescência, como nos aponta Hu Tian Bao:

[...] eu tive vários conflitos com meu corpo, eu não sabia o que era, eu cheguei a ter bulimia durante a minha pré-adolescência e durante a adolescência, e eu passei por vários conflitos, eu não sabia o que tinha de errado comigo.

Estes conflitos são semelhantes nas falas de todos os interlocutores, o sentimento de não pertencimento ao próprio corpo é algo que aflige esta população e este é conhecido no meio médico como disforia de gênero, ou transtorno de identidade sexual, pela Classificação Internacional de Doença 10 (CID), sob a regência da Organização Mundial de Saúde (OMS).

Algumas pessoas trans, ao começarem a transição, passam primeiro pelo processo de não aceitação da transexualidade, vindo à tona também a

vergonha do que está acontecendo, justamente pela imposição social que está sendo quebrada.

[...] eu me inibia de sair na rua, pelo o que as pessoas iriam falar e quando eu ia na rua eu era muito acuada, por que as pessoas olhavam pra mim e eu ficava com muita vergonha, por que eu não sabia o que elas estavam falando de mim, o que elas pensavam de mim. (Bahuchara).

[...] principio eu não me aceitava enquanto pessoa trans, por conta de toda a criação que eu tive, eu achava que isso era loucura, que talvez isso não existisse. (Xochipilli)

Esses modelos são colocados desde o nascimento, em que alguns valores como heterossexualidade, cristianismo, dominação masculina sobre a feminina, entre outros, são interiorizados dentro dos indivíduos por inúmeras instituições presentes no desenvolvimento pessoal e social de todos (FRANCO, 2016) sendo assim,

Aprendemos a viver o gênero e a sexualidade na cultura, através dos discursos repetidos da mídia, da igreja, da ciência, das leis e também, contemporaneamente, através dos discursos dos movimentos sociais e dos múltiplos dispositivos tecnológicos. (LOURO; 2008, p. 22–23)

Justamente por isso é tão difícil para a sociedade, mesmo após a pseudoaceitação da transexualidade, entender e respeitar a transexualidade homossexual/bissexual/pansexual. Visto que, para muitos, o gênero e a sexualidade andam de mãos dadas a todo o momento, e por isso, um homem trans – que, em alguns casos, antes da transição se identificava como mulher lésbica, e após a transição se identifica como homem hétero – é compreendido “mais rapidamente”, já que mantém o comportamento aceitável para o gênero masculino.

Assim como, uma mulher trans – que, igualmente em alguns casos, antes da transição se identificava como homem gay, e após a transição

se identifica como mulher hétero – também é compreendida mais “rapidamente”, visto que também segue o padrão social aceitável para o gênero feminino. Por isso, um homem trans gay ou uma mulher trans lésbica, ou ambos bissexuais/pansexuais sofre retaliações multiplicadas, por fugir tanto do padrão de gênero quanto de sexualidade.

Grande parte dessa vivência de gênero se passa, também, dentro do ambiente escolar, onde a criança/adolescente convive por cerca de metade dos seus dias. Logo, “Educadores e educadoras têm a possibilidade de reforçar preconceitos e estereótipos de gênero, caso tenham a atuação pouco reflexiva sobre as classificações morais existentes entre atributos masculinos e femininos” (BARRETO; ARAÚJO; PEREIRA, 2009, p. 51), e é na escola, principalmente na adolescência, em que as noções mais lembradas sobre feminino e masculino são instaurados.

4 IMPORTÂNCIA DE SE DISCUTIR GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

“Todo processo educativo envolve, por um lado, alguém com a pretensão de modificar comportamentos alheios (educador) e alguém cujos comportamentos se supõem passíveis de serem modificados (educandos).” (PARO, 2010, p. 46), a educação, assim como serve para a modificação de comportamentos alheios, serve também para o reforço e criação de novos comportamentos, pautados nos valores dominantes da sociedade a qual essa educação está sendo proferida. Valores estes que variam de acordo com cada sociedade, seja a periferia ou o centro, a instituição pública ou privada, o proletariado ou a burguesia, todos esses valores dominantes se dão por meio do todo que cerca a escola.

A educação básica escolar brasileira é um ambiente com inúmeros padrões a serem seguidos, padrões estes que são reflexo dos conceitos estabelecidos pela nossa sociedade desde a colonização: “[...] brancos, machos, eurocêntricos, colonialistas, burgueses, cristãos, ilustrados e

heterossexuais” (VEIGA–NETO; NOGUEIRA, apud FRANCO, p. 48), e isso é visto tanto nas salas de aulas quanto nas quadras esportivas. Junqueira (2012), afirma que estes padrões não fazem parte apenas do “currículo oculto” da escola, mas que também estão presentes no “currículo formal” escolar, visto que este se dá “por meio da produção de regras e de padrões da verdade, da seleção, organização, hierarquização e avaliação do que é definido como conhecimento/conteúdo escolar.” (JUNQUEIRA, 2012, p. 2)

É possível perceber, diariamente, a segregação de gênero e sexualidade, imposta tanto por professores quanto pelos alunos entre si. Algumas vezes, essa segregação é velada, encoberta pelo título de brincadeira, mas também pode vir de forma direta, com palavras de ódio, atitudes e reações lesivas, é possível perceber isso quando

[...] eu passava pelos corredores da escola e eu servia muito de chacota, os meninos tiravam muita onda com a minha cara, os meninos tipo zoavam muito, de chegar dentro da sala e minhas coisas estarem mexidas, só pra eu ficar estressada e brigar[...] eu sofria muito, por conta dessas brincadeirinhas, dessas chacoletas e eu passava no corredor e os meninos ficavam gritando. (Bahuchara)

Este debate vem sendo um dos maiores desafios dentre os temas atuais, visto que é dentro da escola de ensino básico que boa parte da base social, psicológica e ético/moral é construída. Conforme afirmam Moro e Stephansson (2008, p. 05) “[...] a educação é de suma importância no desenvolvimento comportamental, atitudinal, e de valores para os seres humanos”.

Os interlocutores desta pesquisa frequentaram escolas diferentes e em momentos diferentes. Dentre os interlocutores, 72% estudaram unicamente em escola pública, 14% estudaram unicamente em escola particular e 14% estudaram em ambas. Nos relatos onde são apontadas as práticas para que houvesse certa liberdade de gênero e sexualidade,

a escola particular se sobrepõe, visto que de acordo com os relatos da interlocutora que estudou a vida toda em escola particular, nesta, os alunos tinham a possibilidade de estudar artes, interpretar peças e ter melhores experiências sociais proporcionadas pela escola.

E o {nome da escola} é uma escola muito artística, tem dança, peça e eu acho que tive muita sorte por passar por uma escola que é muito artística, até por que o diretor da escola é gay, então faz com que a escola seja mais aberta, quanto à questão da arte e da cultura. Toda escola deveria ter cultura, se interessar pela arte, e a gente tinha tudo, dança, pintura, encenação. (Ishtar)

Entretanto, em um dos relatos, especificamente o do interlocutor que frequentara ambas as escolas, sua vivência na escola particular foi repleta de conflitos, visto que esta escola era de doutrina religiosa, fazendo com que a liberdade de gênero e sexualidade só fosse aceita depois de inúmeros conflitos e discussões.

[...] Eu fui pra escola particular, e eu acho que no ensino médio já ficou mais complicado, por que eu fui pra uma escola adventista, e já ficou bem mais complicado [...] Diretoria eu sempre tive problema, por que eu era muito doido saca? Eu sempre ia pra lá, eu sempre queria que a galera me respeitasse e eu ia, fazia minhas ondas e eu fui expulso de três escolas por causa disso, mas tipo era ruim né por que infelizmente, eu não sabia o que estava acontecendo comigo, mas agora eu consigo entender. (Dionísio)

Dessa forma, o professor assume a missão de ser um agente modificador de realidades. Além disso, a escola passa a ser espaço de construção, transformação e formação de indivíduos e realidades, e o professor, passa a ser agente destas mudanças, como afirma Piccolo (1993, p. 13) “o principal papel do professor, através de suas propostas, é o de criar condições aos seus alunos para tornarem-se

independentes, participativos e com autonomia de pensamento e ação.”.

É na escola que grande parte das relações sociais da infância se estabelece, e é nesse contexto que começamos a construir nossa identidade, a partir das experiências vividas dentro destas, pela convivência com as pessoas que nos cercam e pelas memórias que trazemos desta época da vida.

Conforme destaca Louro (1999, p. 19) “As marcas que nos fazem lembrar [...] dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais [...]” e é para essas instituições que podemos atribuir o papel fundamental de orientador na construção ou desconstrução de inúmeros preconceitos instaurados pela sociedade, dado que dentro da escola temos, para além de um espaço para aprender as matérias letivas, aprendemos e ensinamos modos de pensar, agir, conhecer, explorar e difundir os ideais ali construídos, sendo assim

O papel da escola neste mundo que se transforma, deve estar equilibrado entre uma função sistêmica de preparar cidadãos tanto para desenvolver suas qualidades como para a vida em sociedade. Ao mesmo tempo sua função é crítica ao estudar os principais problemas que interferem na qualidade devendo apontar soluções. (PIRES, 2013, p. 30)

Soluções para situações que são comumente encontradas na escola e que por vezes, nós, educadores, deixamos acontecer por ser uma situação do cotidiano, tal como a discriminação por meio de brincadeiras, como afirma Assis (2012, p. 22) “[...] um simples rebolado a mais de um menino, jovem ou adulto já causa espanto e torna-se motivo para deboche [...]”, nesta situação, os professores, com sua função de modificadores da realidade, devem interferir, para que não haja consequências lesivas para o aluno, fazendo com que o ambiente escolar se torne um ambiente amigável a todos e passe a dar “[...] condições para que os indivíduos possam agir em seu meio e tornar-se mais atuantes na sociedade, através de uma forma

mais crítica e menos alienadora, passando a serem sujeitos conscientes de suas ações.” (PIRES, 2013, p. 32), a mudança de pensamento pode ser vista através da fala.

[...] tinha sempre as brincadeiras, mas na época pra mim era coisas super engraçadas[...] eu ria junto e tal, e agora eu falo “meu deus do céu, a minha infância foi super preconceituosa, eu era muito preconceituosa” e eu não tinha noção disso. (Ishtar)

Para a desconstrução destas realidades instauradas dentro da escola, esta deve estar em constante movimento de renovação, para que atenda a todas as demandas da comunidade que a cerca, “a escola deve estar vinculada à realidade de seus alunos, estabelecendo a relação entre teoria e prática, de formas flexíveis, inovadoras e críticas.” (PIRES, 2013, p.31), pois a escola é “[...] um campo de permanentes disputas e negociações em torno de cada disposição, princípio de visão e divisão do mundo e das coisas – especialmente que dizem respeito ao mundo da educação e às figuras que o povoam e, ali, (re)definem sentidos e (re)constróem significados” (JUNQUEIRA, 2012, p. 2)

Da mesma forma que a educação básica geral, quando se trata da educação física, é possível destacar os pré-conceitos adquiridos historicamente acerca dos esportes, da dança e de outras manifestações corporais. Quanto a isso, Daolio (1995) dá um exemplo:

Podemos pensar no fato de os meninos brasileiros, como se diz correntemente, ‘nascerem sabendo jogar futebol’. De forma contrária, ainda segundo o senso comum, podemos dizer que as meninas brasileiras, além de não nascerem sabendo, nunca conseguem aprender a jogar futebol. (DAOLIO. 1995, p. 40)

A educação física passa a ser uma das melhores ferramentas para a socialização e desenvolvimento do aluno, visto que o professor de educação física tem, como ferramenta principal, o corpo e todo o alcance

que este pode ter. Esses ensinamentos, hoje, muitas vezes voltados para a saúde, têm alcance muito superior nos alunos, visto que

A educação para a saúde não é apenas uma disciplina escolar, mas constitui-se em um princípio de vida que atue na formação de uma consciência corporal saudável, visando ações comprometidas e autônomas de integração biopsicossocial. Assim, a Educação Física, a autêntica Educação Física, atende a numerosos objetivos, tanto de curto quanto de longo alcance. Os objetivos não podem se reduzir imediatamente, mas a aula de Educação Física Escolar deve estar voltada para o desencadeamento de um processo sócio educacional de caráter permanente. (DEZANI et al., 2014, p. 119)

Já na prática esportista ou de movimento corporal, os papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres agem tanto de forma explícita, quando vislumbramos, por exemplo, o cenário mundial da dança, com pouca representatividade masculina, ou no futebol, em que as seleções femininas pouco têm importância para a mídia e por consequência, para a sociedade que move e fomenta o esporte, quanto implícitas, quando as insinuações e brincadeiras se iniciam para um garoto que não sente interesse pelo futebol ou quer dançar na escola e para a garota que não se sente a vontade dançando,mas, praticando esportes ditos “masculinos”.

[...] o professor sempre me colocava pra jogar futebol com os meninos, né, mas na verdade eu nunca gostei de futebol. (Bahuchara)

[...] mas as vezes me deixava triste também pelo fato de tipo ouvir aquilo “ah, nossa, tu é muito boa pra uma mulher, parece homem” as pessoas não conseguiam me enxergar da forma que eu queria que elas me enxergassem de fato. (Xochipilli)

O futebol, um dos maiores ícones atuais

da educação física, esporte e cultura, socialmente mantém, até hoje, a visão de que é esporte de prática exclusiva masculina, “A virilidade virtuosa do esporte é frequentemente ressaltada pela sentença ‘futebol é coisa pra macho’” (FRANZINI, 2005, p. 316). Não apenas o futebol em si, mas também muitos outros esportes de contato, como o basquete ou as lutas. Segundo Dornelles e Fraga (2009), a coleção de livros dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o livro que aborda os Temas Transversais indicam que as aulas de educação física devem acontecer de forma mista, para que desta forma a questão do gênero e o respeito com este tema possam ser analisados e vivenciados nas aulas de educação física, como reforça Brasil (1997, apud Dornelles e Fraga, 2009).

[...] as aulas mistas de Educação Física podem dar oportunidades para que meninos e meninas convivam, observem-se, descubram-se e possam aprender a ser tolerantes, a não discriminar e a compreender as diferenças, de forma a não reproduzir, de forma estereotipada, relações sociais autoritárias. (DORNELLES; FRAGA, 2009, p. 144)

Entretanto, muitas escolas deixam de adotar esse tipo de aula, dando preferência para a prática da educação física separada. Estas práticas podem contribuir para a disseminação do preconceito de gênero e por consequência da LGBTfobia. Dentre pessoas que contribuíram para a elaboração desta pesquisa, 83% tiveram a educação física separada e 17% mista. O preconceito de gênero dentro da educação física pode acontecer tanto de forma mais aberta, como em momentos que os gêneros são segregados por horários, como de uma forma mais velada, usando de artifícios como “esportes específicos para determinado sexo”, como nos mostra a fala dos interlocutores.

[...] e eu sempre falava “professor, deixa eu jogar queimada com as meninas!” e ele dizia que não a queimada é só pras meninas e futebol é só pros meninos. (Bahuchara)

chara)
[...] o que eu lembro da Educação Física, mudou de professor pra professor, e a maioria dos professores separava meninos e meninas pra Educação Física, os meninos jogavam futebol, as meninas ficavam na ginástica, aí na outra escola, os meninos continuavam no futebol e as meninas ficavam no vôlei. (Xochipilli)

Essas práticas impactaram de forma negativa na vida das pessoas transexuais que contribuíram para a elaboração desta pesquisa, visto que quando a sua identificação com o gênero oposto lhes era negada, estes passavam a se excluir da educação física, como podemos perceber na fala abaixo:

[...] eu ficava sem fazer nenhuma atividade física na escola, por essa exclusão de gênero, meninas pra um lado e meninos para o outro, e como eu não me identificava com o jogo que os meninos estavam, eu simplesmente me excluía e ficava só olhando, e quando era prova, eu falava “professor, passe um trabalho pra mim, por que na verdade, eu não to me sentindo bem”, enfim, eu sempre inventava alguma desculpa. (Bahuchara)

É importante citar que 17% dos interlocutores afirmaram ter uma educação física mista, em que homens e mulheres interagem entre si e faziam práticas iguais, e juntamente com isso, os impactos positivos que esta prática ocasionou, como podemos constatar nos excertos abaixo:

[...] Educação Física era a matéria que eu gostava mais, por que a gente fazia esporte, corria, e eu gostava muito de fazer essas coisas, e principalmente por que a gente brincava e tal [...] eu lembro que no tempo também a gente juntava com as outras turmas, era menino e menina e não tinha uniforme diferente, o uniforme era padrão mesmo, foi a melhor escola da minha vida, com a melhor Educação Física (Hu Tian Bao)
[...] a Educação Física lá da escola era unida, até por que tinham

poucos alunos. Então, não tinha como separar em homem e mulher. A gente jogava todos juntos e isso era bom, por que eu não precisava ficar sempre jogando com os meninos. (Kuan Ying)

A educação física segregada se mostra, portanto, ser um dos maiores causadores de impactos negativos dentre os interlocutores, visto que

[...] as aulas separadas entre meninos e meninas não apenas operam uma separação física entre dois grupos, mas são espaços que ensinam masculinidade(s) e feminilidade(s), sobre o que é adequado para meninos e meninas na Educação Física escolar. (DORNELLES, 2006, p. 6)

Neste meio, pessoas transexuais eram obrigadas a participar de uma prática corporal condizente com o gênero a qual não se identificam, tal como foi constatado nos diálogos com os interlocutores, em que uma das maiores implicações para a não participação da prática da educação física era o uso dos uniformes diferenciados para homens e mulheres como nos aponta a fala:

[...] então eu sempre tive problema com direção por causa disso [...] por que a direção dizia “não, tu não pode vir com esse short senão tu não vai fazer Educação Física”, por que eu realmente gostava de Educação Física, [...] mas eu tinha problemas principalmente por causa da vestimenta, que os meninos sempre usam bermudão né, aquelas coisas mais largas, e as meninas usam os shorts mais curtos, apertados, e eu queria usar o short curto e apertado, e a direção não deixava [...] mesmo eu conversando com professor [...] eles chegavam comigo e falavam que eu não podia fazer porque estava com tal uniforme, aí eu falava “tá, sem problema nenhum, eu não faço, mas eu não vou vim com a roupa que eles querem que eu venha”. (Ishtar)

As consequências desta educação segregadora

podem ser sentidas tanto pelos alunos, que deixam de fazer educação física e passam a não gostar da prática e se afastam cada vez mais da matéria, e também pelos professores e para a educação física em si, por desagregar valores e passar a ser a matéria “mais odiada” dentre algumas crianças e adolescentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com os diálogos, pudemos perceber como as aulas de educação física podem impactar na vida de pessoas que transgridem os valores sociais atuais, tanto de forma positiva, quanto de forma negativa. Cabe a nós, professores, mudar essa realidade, para que todos os alunos possam desfrutar de uma prática humanitária e mais agregadora.

É fácil perceber a carência que este assunto ainda tem em seu desenvolvimento, tanto pela falta de diálogo dentro da área, quanto pela dificuldade em mudar uma sociedade já cheia de achismos e maneirismos impostos. Dentre os interlocutores que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa, todos, ao serem questionados sobre o que mudariam quanto à prática da educação física, com tom esperançoso, recomendaram a não segregação da educação, em especial da educação física.

Assim como a aproximação de todos os alunos, mesmo que estes sejam diferentes em suas raças, sexualidades, gêneros, tamanhos, credos, fenótipos e genótipos. O ser humano, como um ser biopsicossocial, deve viver com todas as suas qualidades, sejam estas biológicas, psicológicas e sociais em funcionamento e harmonia, e para que isso possa ser alcançado, necessita-se de movimento, intelectual e corporal, individual e social, biológico e universal.

Quando, por preconceitos explícitos ou velados, um professor deixa de compreender o aluno, comete o maior dos erros, o de não se deixar aprender. Todos são capazes de ensinar e de continuar aprendendo, mesmo que este aprendizado venha com algo novo e que muitas vezes se mostra assustador, todos devem aprender a aprender com os alunos, com

a comunidade, com os colegas de trabalho e todas as realidades que nos cercam.

Sendo assim, o professor se torna um dos grandes responsáveis pela aproximação da comunidade com a escola, fazendo com que o ambiente escolar deixe de ser um ambiente hostil para algumas minorias e passe a ser um local de acolhimento, cuidado e segurança.

Este trabalho é apenas uma pequena parcela se comparado à grandeza deste tema. Um pontapé inicial para que a relação entre a educação e as transgeneridades se torne mais presente entre as áreas de estudo, não apenas na educação, mas também em todas as outras áreas de pesquisa, entre elas a educação física.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. D. P. **Acerca do feminino e do masculino na dança**: das origens do balé à cena contemporânea. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, UFSC, 2012.

BARRETO, A.; ARAÚJO, L.; PEREIRA, M. E. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/ES em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARTILHA PARA A DIVERSIDADE. **População LGBT**: um guia da cidadania no Pará – Conceitos, Direitos Humanos, Políticas Públicas, Espaços, Conquistas e Participação Social. Belém, PA: Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos – SEJUDH; Gerência de Proteção à Livre Orientação Sexual – GLOS/SEJUDH, 2017.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

- DESLANDES, S. F.; **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** [s.l.]: Vozes, 2009.
- DEZANI, G.S. et al. A importância das aulas de Educação Física no ensino infantil. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente**, v. 5, n. 2, p. 115–124, jul./dez. 2014.
- DORNELLES, P.G. ‘Distintos destinos’: problematizando as relações de gênero nas aulas separadas entre meninos e meninas na Educação Física escolar. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO, 7., **Anais...** [s.l.]: PPGEdU/UFRGS, 2006.
- DORNELLES, P.G.; FRAGA, A.B. Aula mista versus aula separada?: uma questão de gênero recorrente na Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, v. 1, n. 1, p.141–156, Ago. 2009.
- FARO, V.H. **Educação como exercício de poder: uma crítica ao senso comum em educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleções questões da nossa época, v. 4)
- FRANZINI, F. Futebol é “Coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.
- FRANCO, N. A Educação Física como território de demarcação dos gêneros possíveis: vivências escolares de pessoas travestis, transexuais e transgêneros. **Motrivivência** v. 28, n. 47, p. 47–66, maio 2016.
- FREITAS; A.P.A.; SILVEIRA, N.L.D. Ética na pesquisa com sujeitos humanos: aspectos a destacar para investigadores iniciantes. **Psicol. Argum.**, v. 26, n. 52, p. 35–46, jan./mar, 2008.
- GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T. (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009. 120 p. (Série Educação a Distância).
- GOELLNER, S.V. A produção cultura do corpo. In: LOURO, G.L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S.V. (Org). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 28–40.
- JAYME, J.G. Travestis, Transformistas, Drag–Queen, Transexuais: identidade, corpo e gênero. In: CONGRESSO LUSO–AFRO–BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., Coimbra, PT. **Anais...** Coimbra, Portugal: Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (CES – FEUC), 2004.
- JESUS, J.G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Ed. do Autor, 2012.
- JUNQUEIRA, R.D. **Pedagogia do armário e currículo em ação: heteronormatividade, heterossexismo e homofobia no cotidiano escolar.** Discursos fora da Ordem: deslocamentos, reinvenções e direitos. São Paulo: Annablume, 2012. (Série Sexualidades e Direitos Humanos).
- LOURO, G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LOURO, G.L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MANUAL LGBT. O Compromisso das Empresas com os Direitos Humanos LGBT: orientações para o mundo empresarial em ações voltadas a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. São Paulo: Instituto ETHOS, 2013.
- MORO, L.R.; STEPHANSSON, S. von der O. A ação pedagógica do professor de Educação Física do 6º e 7º ano. **Revista Educação em Destaque**, v. 1, n. 1, abr. 2008.
- OLIVEIRA, V.R. de. **Desmistificando a pesquisa científica.** Belém: Ed. Universitária UFPA, 2008.
- PARO, V.H. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação.** São Paulo: Cortez, 2008.

PICCOLO, V.L. **Educação Física escolar: ser ou não ter?**; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

PIRES, P.A.G. A escola e sua contribuição na formação de sujeitos: um olhar a partir da nova concepção de currículo. In: CONGRESSO DE LETRAS: LINGUAGEM E CULTURA: MÚLTIPLOS OLHARES, 6., 2007. **Anais...** [s.l.; s.n.], 2013.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA: Princípios sobre a aplicação da legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Indonésia, [s.n.], 2007.

ROCHA, M.V.; SÁ, I. R. Transexualidade e o direito fundamental à identidade de gênero. **RIDB**, v. 2, n. 3, 2013.

SAMPAIO, L.L.P.; COELHO, M.T.Á.D. A transexualidade na atualidade: discurso científico, político e histórias de vida. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 3., Salvador. **Anais...** Salvador: UNEB, 2013.

SOUZA, H.A.; BERNARDO, M.H. **Transexualidade: as consequências do preconceito escolar para a vida profissional.** **Bagoas**, n. 11, 2014.

WILM, L. Compreendendo o que é orientação sexual, identidade, expressão e papel de gênero. In: CORPO Transitivo: transgeneridade, orientação sexual, teoria queer, transfeminismo, recorte de raça, lesbianidade. Belém, Pará: [s.n.], 2016.

Recebido em: 11/03/2018

Aceito em: 29/05/2018